

Especial

A cidade que parece cenário

Para muitos realizadores, Brasília possui uma estética naturalmente cinematográfica. A arquitetura modernista, os espaços abertos e o contraste entre monumentalidade e cotidiano criam imagens únicas. Para a professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília Rose May Carneiro, a própria concepção da cidade já carrega um elemento narrativo.

"Brasília é a cidade mais nonsense (sem sentido, em tradução livre) do Brasil e isso é um elogio altíssimo. Alguém resolveu botar uma capital no meio do nada, do Cerrado seco, longe de tudo, e ainda assim fez isso com uma elegância que intimida. Você chega aqui e a primeira coisa que pensa é: que filme é esse? A parada de ônibus parece cenário. O céu não tem tamanho. Tem uma luz aqui às cinco da tarde que não deveria existir numa cidade real. Brasília não parece real. E é exatamente por isso que ela é um presente para qualquer pessoa com uma câmera na mão", afirma.

A arquitetura modernista projetada por nomes como Oscar Niemeyer e o urbanismo idealizado por Lucio Costa influenciam diretamente a forma como a cidade é filmada. Ainda assim, Rose May observa que muitas produções acabam focando apenas nos edifícios mais famosos.

"A arquitetura aqui é tão bonita que a câmera gruda nela e não larga. Ai o diretor acha que fez um filme sobre Brasília, mas fez um filme sobre parede curva. O que ninguém filma, e que eu acho muito mais interessante, é o espaço entre os edifícios", evidencia a professora da UnB.

A pesquisadora destaca que o cotidiano da cidade também guarda elementos cinematográficos. "O pilotis com o banco de cimento que ninguém sabe exatamente de quando é. A jardineira que sobrou de outro século e continua ali porque ninguém teve tempo de trocar. Brasília guarda os anos 1960 dentro dela de um jeito distraído, sem querer, e isso é muito mais cinematográfico do que qualquer coisa que Niemeyer desenhou de propósito."



Cena do filme *Eduardo e Mônica* gravada no Parque da Cidade

A política como imagem dominante

A presença das principais instituições do país também influencia a maneira como Brasília aparece nas telas. Não por acaso, imagens do Congresso Nacional e da Esplanada dos Ministérios tornaram-se um recurso recorrente em filmes e séries.

"Você precisa dizer que o personagem é poderoso, joga uma imagem do Congresso, resolve. Precisa dizer que o Brasil está mal, Esplanada de noite, vento, câmera lenta. Entendo o recurso, mas já enjoei", afirma Rose May Carneiro.

Para ela, existem outros espaços da cidade que poderiam representar melhor a diversidade brasileira. "O que ninguém usa, e deveria usar urgentemente, é a Rodoviária

do Plano Piloto. É o lugar mais honesto de Brasília. Ali, tem o Brasil inteiro, às seis da manhã, organizado numa fila que ninguém mandou organizar. Isso diz mais sobre esse país do que qualquer plano aberto de palácio."

O cineasta e professor da UnB João Lanari concorda que a política sempre esteve presente na cinematografia ligada à capital. "Brasília é um marco na arquitetura, para o bem e para o mal. É a cidade mais filmada do Brasil, se levarmos em conta os cinejornais diários, que cobrem o poder com a cidade no pano de fundo."

Lanari lembra que produções já exploraram essa relação desde os primeiros anos da capital. Um exemplo é o filme *Amor e desamor*, dirigido por Gerson Tavares em 1966, que utiliza Brasília como cenário para um drama existencialista.

João Pedro Carvalho



Elenco de *O agente secreto* no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro